

TRAÇOS ESSENCIAIS E DESENVOLVIMENTO DO EXISTENCIALISMO

1. A Existência é “poder ser”, isto é, “incerteza, risco e decisão”

“O existencialismo ou filosofia da existência é a vasta corrente filosófica contemporânea que se afirma na Europa logo depois da Primeira Guerra Mundial, impõe-se no período entre as duas guerras e se desenvolve ainda mais e se expande até tornar-se moda principalmente nas duas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial.” “...o existencialismo expressa a situação histórica de uma Europa dilacerada física e moralmente por duas guerras e de humanidade europeia que, entre as duas guerras, experimenta em muitas de suas populações a perda da liberdade, com regimes totalitários” “A época do existencialismo é época de crise: a crise do otimismo romântico que, durante todo o século XIX e a primeira década do século XX, “garantia” o sentido da história em nome da razão, do absoluto, da ideia ou da humanidade, “fundamentava” valores estáveis e “assegurava” um progresso certo e irreprimível. “O idealismo, o positivismo e o marxismo são filosofias otimistas, que presumem ter captado o princípio da realidade e o sentido progressivo absoluto da história.” “O existencialismo, porém, considera o homem como ser finito, “lançado no mundo” e continuamente dilacerado por situações problemáticas ou absurdas. E é precisamente pelo homem, o homem em sua singularidade, que o existencialismo se interessa.” “O homem do existencialismo não é o objeto que exemplifica uma teoria, um membro de uma classe ou um exemplar de gênero substituível por outro exemplar qualquer do mesmo gênero.”

“Da mesma forma, o homem considerado pela filosofia da existência também não é um simples momento do processo de uma razão oníabrangente ou uma dedução do sistema.”

“A existência é indedutível, e a realidade não se identifica com a racionalidade nem se reduz a ela.”

“A não identificação da realidade com a racionalidade é acompanhada, como elemento característico, por três outros pontos básicos do pensamento existencialista, que são:”

“1. a centralidade da existência como modo de ser daquele ente finito que é o homem;”

“2. a transcendência do ser (o mundo e/ou Deus) com o qual a existência se relaciona;”

“3. a possibilidade como modo de ser constitutivo da existência e, pois, como categoria insubstituível na análise da própria existência.”

“Mas de que modo se qualifica o conceito de existência dentro do existencialismo? A primeira coisa que se deve destacar é que a existência é constitutiva do sujeito que filosofa, e o único sujeito que filosofa é o homem; por isso, ela é exclusivamente típica do homem, já que o homem é o único sujeito que filosofa.”

“Além disso, a existência é um modo de ser finito; e ela é possibilidade, isto é, um poder-ser. A existência não é precisamente uma essência, coisa dada por natureza, realidade predeterminada e não modificável. As coisas e os animais são o que são e permanecem o que são. Mas o homem será o que ele decidiu ser. Seu modo de ser, a existência, é um poder-ser, um sair para fora em direção à decisão e à automoldagem.”

“A existência é, portanto, um poder-ser e, por conseguinte, é “incerteza, problematidade, risco, decisão, impulso para a frente”. Mas impulso em direção a quê? Deus, o mundo, o próprio homem, a liberdade, o nada.”

3. Os pesadores mais representativos do existencialismo

“Os representantes mais prestigiosos do existencialismo são Martin Heidegger e Karl Jaspers, na Alemanha; Jean-Paul Sartre, Gabriel Marcel, Maurice Merleau-Ponty e Albert Camus, na França; Nicola Abbagnano, na Itália.”

“O absurdo da existência humana se expressa de modo apaixonante e envolvente no Mito de Sísifo (1943), de Albert Camus (1913-1960). Este, com O homem em revolta, de 1951, projetou a revolta metafísica do homem, que “se ergue contra a própria condição e contra toda a criação”.

IV. Jean-Paul Sartre: da liberdade absoluta e inútil à liberdade histórica

“Testemunha e pesquisador atento de nosso tempo, Jean-Paul Sartre (1905- 1980) comunicou seu pensamento em romances (A náusea, 1938; A idade da razão, 1945), em escritos para o teatro (As moscas, 1943; De portas fechadas, 1945; Os Sequestrados de Altona, 1960), e em obras de natureza mais propriamente filosófica (O ser e o nada, 1943; O existencialismo é um humanismo, 1946; Crítica da razão dialética, 1960).”

2. A náusea diante da gratuidade das coisas

“...o eu” não está na consciência, é um ente do mundo como o eu de outro”. O homem é o ser cujo aparecimento faz com que exista um mundo. A consciência está encarnada na densa realidade do

universo; o mundo pode ser visto como um conjunto de utensílios. Mas o mundo não é a existência. E quando o homem não tem mais objetivos, o mundo fica privado de sentido."

"A náusea é o sentimento que nos invade quando descobrimos a contingência essencial e o absurdo do real."

"Existir é estar ali, simplesmente; os seres aparecem, se deixam encontrar, mas nunca se pode deduzi-los [...]: contingência, perfeita gratuidade".

"Tudo é gratuito: este jardim, esta cidade, eu mesmo. E quando acontece de nos darmos conta disso, nosso estômago se revira e tudo se põe a flutuar [...] eis a náusea".

3. O "em si" e o "para-si" o "ser" e o "nada"

"...a consciência é sempre consciência de algo, a consciência "é um nada de ser e, ao mesmo tempo, um poder nulificante, o nada". O mundo é o "em-si", absolutamente contingente e gratuito (como precisamente revela a náusea)."

"Diante do "em si" está a consciência, que Sartre denomina o "para-si".no ser-em-si, mas não está ligada a ele, é, portanto, absolutamente livre."

"A liberdade não é um ser; ela é o ser do homem, isto é, o seu nada de ser". "Eu estou condenado ser livre". Uma vez lançado à vida, o homem é responsável por tudo o que faz do projeto fundamental, isto é, da sua vida."

"O homem, se escolhe; sua liberdade não é condicionada; e ele pode mudar seu projeto fundamental a qualquer momento."

"...todas as atividades humanas são equivalentes [...] e que todas estão destinadas em princípio à falência.

"O homem é o ser que projeta ser Deus", mas, na realidade, ele se mostra como aquilo que é, "uma paixão inútil".

4. O ser para os outros

"O homem é também ser-para-outros O outro revela-se como outro naquelas experiências em que ele invade o campo de minha subjetividade e, de sujeito, me transforma em objeto de seu mundo."

"...o outro me vê, mantendo-me sob a opressão de seu olhar. Quando outro entra subitamente no mundo de minha consciência, minha experiência se modifica: não tem mais seu centro em mim, e vejo-me como elemento de um projeto que não é meu e não me pertence."

"O olhar de outro me fixa e me paralisa quando aparece o outro, portanto, nasce o conflito: "o conflito é o sentido original do ser-para-outros".

5. O existencialismo é um humanismo

"...se [...] Deus não existe, nós não encontramos diante de nós valores e ordens em condições de legitimar nossa conduta. o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou por si mesmo e, no entanto, livre, porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo aquilo que faz".

"O homem, sem nenhum socorro e apoio, está condenado a cada instante a inventar o homem [...]. O homem inventa o homem".

"Todas essas coisas não passam em vão, deixando um traço em seu pensamento, onde se delineia uma moral social: "eu sou obrigado a querer ao mesmo tempo minha liberdade e a liberdade dos outros, e não posso tomar minha liberdade como fim se não tomar igualmente como fim a liberdade dos outros".

I. SIGMUND FREUD E O PROBLEMA DO 'PRINCÍPIO' DE TODAS AS COISAS

Sigmund Freud (1856-1939) Estudou medicina em Viena, anatomia cerebral e doenças nervosas.

A ESTRUTURA DO PSIQUISMO HUMANO: O Psiquismo humano é composto de uma parte consciente e uma parte inconsciente. **O INCONSCIENTE** "o inconsciente - escreve Freud - é o próprio 'psíquico' e sua realidade essencial". "O núcleo do inconsciente é constituído por representações pulsionais que aspiram descarregar seu próprio investimento, portanto, por movimentos de desejo". "o inconsciente "é a parte obscura, inacessível, de nossa personalidade; o pouco que dela sabemos, nós o aprendemos pelo estudo do trabalho onírico e pela formação dos sintomas neuróticos Do Id nós nos aproximamos com comparações: nós o chamamos de caos, um caldeirão de excitações ferventes (...). Impulsos de desejo que jamais transpuseram o Id, mas também impressões que foram mergulhadas no Id pela repressão, são virtualmente imortais, se comportam depois de decênios como se tivessem apenas acontecido. Somente quando se tornaram conscientes por meio do trabalho analítico eles podem ser reconhecidos como passado, ser desvalorizados e privados de sua carga energética, e sobre isso se funda, e não em mínima

parte, o efeito terapêutico do tratamento analítico". **ID**: "é o conjunto dos impulsos inconscientes da libido; é a fonte da energia biológico-sexual; é o inconsciente amoral e egoísta." **LIBIDO**: Freud reconduz a vida do homem a uma libido originária, isto é, a uma energia relacionada principalmente com o desejo sexual: "Análoga à fome em geral, a libido designa a força com a qual se manifesta o instinto sexual, assim como a fome designa a força com a qual se manifesta o instinto de absorção do alimento". "Mas, enquanto desejos como a fome ou a sede não são "pecaminosos" e não são reprimidos, os impulsos sexuais o são para depois reaparecerem nos sonhos e nas neuroses." **O PSQUIZISMO CONSCIENTE EGO**: "é a "fachada" do Id; é o representante consciente do Id." **A RELAÇÃO ENTRE O CONSCIENTE O INCONSCIENTE DO PSQUIZISMO HUMANO** **SUPEREGO**: forma-se por volta dos cinco anos de idade e diferencia (por grau e não por natureza) o homem do animal; é a sede da consciência moral e do sentimento de culpa. O Superego nasce como interiorização da autoridade familiar e se desenvolve posteriormente como interiorização de outras autoridades, bem como interiorização de ideais, valores e modos de comportamento propostos pela sociedade através da substituição da autoridade dos genitores pela autoridade de "educadores, professores e modelos ideais". O Superego "paterno" torna-se um Superego "social". **A TEORIA DA REPRESSÃO E NEUROSE**: Em todo ser humano operam forças, tendências ou impulsos que, frequentemente, entram em conflito. Aparece a neurose quando o Ego consciente bloqueia o impulso (excitações afetivas de natureza sexual, atuais ou passadas) , negando-lhe acesso "à consciência e à descarga direta": (...). Entretanto, "as tendências reprimidas, tornadas inconscientes, podiam obter descarga e satisfação substitutiva por vias indiretas, (...), e o impulso reprimido ressurgia em uma parte qualquer do corpo, criando sintomas que eram [somáticos]". "A primeira descoberta à qual nos leva a psicanálise é que, regularmente, os sintomas doentes estão ligados à vida amorosa do doente; essa descoberta [...] nos obriga a considerar os distúrbios da vida sexual como uma das causas mais importantes da doença". "Todas as coisas esquecidas, por algum motivo, tinham caráter penoso para o sujeito, enquanto haviam sido consideradas temíveis, dolorosas e vergonhosas para as aspirações de sua personalidade". **O TRATAMENTO DA NEUROSE SEGUNDO FREUD**: Fundamental na prática e na teoria freudiana é a livre associação das ideias: o analista faz o paciente se deitar em um divã, em um ambiente relaxante onde não haja luz demasiado intensa; o analista coloca-se atrás do paciente e o convida a manifestar tudo aquilo que chega até seu pensamento; treinado na arte da interpretação, o analista guia o paciente, por meio de toda uma série de perguntas, até a descoberta da resistência: esta descoberta "é o primeiro passo para sua superação". Além da técnica da livre associação, a prática analítica é também interpretação dos sonhos, interpretação dos atos falhos: no sonho, há um "conteúdo manifesto" (o que recordamos e contamos quando acordamos) e um "conteúdo latente" (o sentido do sonho que o indivíduo não sabe reconhecer: "ora, mas até onde voa a cabeça da gente!"). Pois bem, é precisamente esse conteúdo latente que "contém o verdadeiro significado do próprio sonho... O psicanalista (...) deve refazer o caminho em direção ao conteúdo latente do sonho... a técnica analítica "permite identificar o que está oculto". "O inconsciente está por trás de nossas fantasias livres, nossos esquecimentos e nossos lapsos; age em nossas amnésias; procura dar seu recado em nossos sonhos." Lapsos, esquecimentos, piadas, sonhos e neuroses levam Freud para dentro do inconsciente. E aqui ele encontra, justamente, a explicação causal dos lapsos, dos sonhos etc. em pulsões rejeitadas e em desejos reprimidos no inconsciente, mas não cancelados; pulsões e desejos arrancados da "consciência" e arrastados para o inconsciente porque coisas "vergonhosas" e "indizíveis". E "para tornar novamente consciente o que havia sido esquecido, era necessário vencer a resistência do paciente, através de contínuo trabalho de exortação e encorajamento". Posteriormente, tratava-se de eliminar as repressões "por meio de obra de avaliação que aceitasse ou condenasse definitivamente o que o processo de repressão havia excluído". **A SEXUALIDADE INFANTIL**: "A criança não está privada de instintos, e impulsos eróticos: é desses primeiros germes que nasce a sexualidade dita normal do adulto". "A fonte principal do prazer sexual infantil é a excitação de certas partes do corpo particularmente sensíveis...: conquista do prazer". **FASES DA SEXUALIDADE HUMANA**: Fase oral: (1 ano). "aparece sob o predomínio dos componentes orais". "sucção é um bom exemplo de satisfação auto-erótica propiciada por uma zona erógena. Fase anal: (2 e 3 anos) segundo e terceiro ano de vida. Dominada pelo prazer de satisfazer o estímulo das evacuações. Fase fálica: (4 e 5 anos). A criança procura satisfação tocando na genitália, e experimenta novo e particular interesse pelos genitores. O menino descobre o pênis, descoberta que se acompanha pelo medo de perdê-lo (complexo de castração). E as meninas

experimentam o que Freud chama "inveja do pênis". Surge nesse fase o Complexo de Édipo. Complexo de Édipo: "O menino concentra seus desejos sexuais na pessoa da mãe e concebe impulsos hostis contra o pai, considerado como rival. Essa é também — "mutatis mutandis" — a atitude da menina". Forma-se um "complexo" (vale dizer, um conjunto de idéias e recordações ligadas a sentimentos muito intensos) certamente condenado a uma rápida rejeição. "no fundo do inconsciente, ele exerce ainda uma atividade importante e duradoura.". "Podemos supor que, com suas implicações, ele constitui o complexo central de toda neurose, e podemos esperar encontrá-lo não menos ativo nos outros campos da vida psíquica". "Na impossibilidade de satisfazer seu desejo, o menino sujeita-se a seu competidor, o pai, de quem tem ciúme, o qual então se torna seu patrão interior. E com a interiorização de um censor interno, a crise edipiana passa. Mas, nesse meio tempo, instaurou-se o Superego e, com ele, a moral." Fase de latência: (6 anos até a puberdade): "durante o qual surgem as formações reativas da moral, do pudor e da repugnância". Fase genital: Surge a atração pelo sexo oposto. "A sexualidade reprimida, explode em doença ou retorna em muitos sonhos. Com efeito, são os sonhos dos adultos que frequentemente remetem a desejos não atendidos e não saciados da vida "sexual infantil". **A LUTA ENTRE EROS E THÁNATOS E O 'MAL-ESTAR DA CIVILIZAÇÃO'**: De acordo com Freud, os princípios que estruturam os instintos são Eros e Thánatos. "O instinto de vida se expressa no amor, na criatividade e na construtividade. E o de morte se expressa no ódio e na destruição. E este último instinto é poderoso, pois o homem é agressivo." Existe no homem uma "agressividade cruel" que nele revela "uma besta selvagem, para a qual o respeito pela própria espécie é estranho". "a sociedade civilizada está continuamente ameaçada de destruição," Freud condena a civilização e as repressões inúteis: os valores são necessário para dominar os instintos de morte, mas não podem se transformar em instrumentos de tormento para a vida dos indivíduos"

KIERKEGAARD

Foi o "poeta cristão que declarou "ridículo" o sistema hegeliano, e para o qual a existência do indivíduo torna-se autêntica diante da "transcendência" de Deus. Na opinião de Kierkegaard, um penitente, alguém que abraçou o ideal cristão da vida, com toda aquela tremenda seriedade que o cristianismo comporta, não pode viver a tranquila existência de homem casado. Não pode aceitar o compromisso mundano e a gratificante inserção na ordem constituída. Regina não podia tornar-se sua esposa "porque Deus tinha a precedência". E essa também é a razão por que Kierkegaard renunciou a tornar-se pastor. "A fé relativiza as coisas humanas". "Os homens querem viver tranquilos e atravessar felizmente o mundo". Escreve Kierkegaard: "Na espécie animal, vale sempre o princípio: o indivíduo é inferior ao gênero. Já no gênero humano prevalece a característica, precisamente porque cada indivíduo é criado à imagem de Deus, de que o indivíduo é mais elevado do que o gênero". A existência finita se caracteriza pela escolha. A vida estética é exatamente a vida da fé que constitui a forma verdadeiramente autêntica da existência finita, vista como o encontro do indivíduo com a singularidade de Deus. A fé é paradoxo e angústia diante de Deus como possibilidade infinita. "A angústia é a possibilidade da liberdade; somente essa angústia, através da fé, tem a capacidade de formar absolutamente, enquanto destrói todas as finitudes, descobrindo todas as suas ilusões". A angústia forma "o discípulo da possibilidade" e prepara "o cavaleiro da fé". O desespero é a verdadeira doença mortal, a salvação da fé, sustentando que fora da fé só existe o desespero. Seu pensamento é um Pensamento essencialmente religioso: é a defesa da existência do indivíduo, existência que só se torna autêntica diante da transcendência de Deus. Sofrer para propagar a idéia do cristianismo como "verdade sofredora". Um homem singular não tem existência conceitual. "O 'indivíduo' é a categoria através da qual devem passar, do ponto de vista religioso, o tempo, a história, a humanidade". Não se trata de justificar, mas de crer. E, para crer, não é necessário ser contemporâneo de Jesus. A verdade é que ver um homem não é suficiente para fazer-me crer que aquele homem é Deus. É a fé que me faz ver em um fato histórico algo de eterno: e, no que se refere ao eterno, "qualquer época está igualmente próxima". A fé é sempre salto tanto para quem é contemporâneo de Cristo como para quem não é. A angústia caracteriza a condição humana: quem vive no pecado se angustia pela possibilidade do arrependimento; quem vive, tendo-se libertado do pecado, vive na angústia de nele recair. Mas o importante é compreender que a angústia forma: com efeito, ela "destrói todas as finitudes, descobrindo todas as suas ilusões". É desse modo que "Deus, que quer ser amado, desce, com a ajuda da inquietude, à caça do homem".